

(Carlos Pires)
Escreve as
gratias (de mar)
na parte de
memoria e
a publicação
antes de
o fechamento
do livro

23/4/72

Diálogo com José Cardoso Pires

JOÃO ALVES DAS NEVES

As entrevistas não têm história; os entrevistados, sim. Esta, porém, exige uma explicação. Começou há longos meses em São Paulo e reinicia, talvez, o diálogo há mais de vinte anos principiado em Lisboa, quando José Cardoso Pires publicou *Os Caminheiros*. Mas tão fugazes foram os reencontros paulistanos que mal reatamos o diálogo.

Respondo à sua entrevista numa varanda sobre o mar. Nerja é uma praia da costa de Málaga mas à margem da cadeia cosmopolita Marbella-Torre-molinos. Aldeia de pescadores, tem a 4 quilômetros as célebres grutas paleolíticas Cuevas de Nerja, que se transformaram num santuário do bailado, com atuações do Bolshoi, do Harkness Ballet, de Nova York, da Companhia de Opera de Paris, do Metropolitan Ballet, etc. Hoje mesmo no deslumbrante cenário de estalactites vai exhibir-se Mariü Rosa, o flamenco mais reputado da atualidade.

Relemos Cardoso Pires, de *Os Caminheiros* a *O Delfim*. Vinte e dois anos separam o primeiro e o último livro. Separam? Não. De 1946 a 1968, o tempo confirmou o escritor. A "promessa" cumpriu-se. O ficcionista realizou-se. E o ensaísta — ou o observador?

— também, porque o dramaturgo de *O Ren-der dos Heróis* continua sendo o comentador do passado revivido, no qual as figuras, como disse Alexandre Pineiro Torres, restauram "o sentido da marcha da História".

FICAR EM PORTUGAL

Sai do Rio a 29 do mês passado (julho) com destino a Barcelona e de lá vim encontrar-me aqui com minha mulher e filhas. Regresso no dia oito a Portugal para me fixar, uma vez que não retomarei o curso de literatura portuguesa que estava a dar no King's College, da Universidade de Londres.

O tempo e a ficção, o real e o imaginário. "Por cima das águas tutelares imagino uma inscrição em grandes letras douradas numa fita suspensa das nuvens: *Ad Usum Delphini*". O Plano da Gafeira. A História e as histórias de cada um, os mortos e os vivos, a relação entre o passado e o presente. A continuidade, enfim.

Agora, em *Nerja*, estou precisamente a rever provas do meu próximo livro, *Dinosaurus Excelentíssimo*.

Quando da sua estada em São Paulo e no Rio, foi anunciado que *Dinosaurus Excelentíssimo* seria publicado simultânea-

mente em Portugal e no Brasil. Contudo, não houve qualquer informação da sua parte sobre o tema do livro.

"Respondo de uma varanda sobre o mar, uma praia na costa de Malaga"

José Cardoso Pires esclarece: "Trata-se de um 'divertissement'. Uma falsa estória para crianças "cuja idade varia conforme os respectivos pais" — como eu digo a abrir. Tinha-a escrito há dois anos e era realmente um longuíssimo conto infantil que não me agradava e que pus de lado. (As narrativas para crianças nem quando eu era menino me seduziam. O autor assume em 90 por cento dos casos uma atitude paternista na comunicação. Esforça-se por descer ao simples, ao tu-cá, tu-lá, para tornar acessível, julga ele, uma aventura moralizante ou exemplar. Detesto).

Acontece que o ano passado assisti a duas conferências na exposição de comic strip que se realizou no International Contemporary Arts, de Londres, e isso fez-me voltar à estória do *Dinosaurus*. Recomecei-a desde a primeira linha. E um texto acentuadamente experimental, uma expressão literária inspirada em certos ritmos e com certas explorações de comunicação do cartoon.

Um livro feito duas vezes? Assim é, neste caso, do mesmo modo que nos outros há um prolongamento, um aditamento, como se uma linha imaginária os relacionasse e diferenciasse, ao mesmo tempo: Desde o primeiro ao último dos seus livros, há uma certa continuidade, uma evolução e uma relação. Melhor, uma superação. Há, de fato, uma fidelidade à diretriz iniciada com *Caminheiros*?



José Cardoso Pires (foto) é hoje o escritor mais famoso de Portugal. **Le Monde**, **Quinzaine Littéraire** e **Le Nouvel Observateur** incluíram-no entre os melhores escritores estrangeiros lançados na França há dois anos, quando surgiu a tradução de **O Delfim**, escrito em 1968. Ele tem 46 anos (parece ter 10 anos menos) e oito livros publicados, um dos quais está esgotado e outro proibido pela censura. Já fez um pouco de tudo: estudante de ciências, oficial piloto de um navio cargueiro, intérprete, editor de revista, secretário de editora, professor de inglês, publicitário. Em 1960 fundou a revista "Almanaque". Sua estreia, com **Os Caminheiros e outros contos** (1946), foi aplaudido pelos neo-realistas, que dominavam a literatura portuguesa da época: outro livro de contos, **Historias de Amor** (1952), foi proibido por motivos morais e políticos. **O Anjo Ancorado** (1958), seu primeiro romance, foi recebido excepcionalmente pela crítica e já está em sua terceira edição. **O render dos heróis** foi o livro seguinte (1960) no qual dissecava a mitificação do herói em Portugal. O ensaio **A Cartilha do Marialva** também é deste ano. Três anos mais tarde, José Cardoso Pires publicou o romance **O hopede de Job**, que ganhou o prêmio Castelo Branco e foi traduzido em vários países europeus. Anteriormente lançou **Jogos de Azar**, coletânea de contos que incluiu alguns trabalhos de **Os Caminheiros**. Cardoso Pires explica **O Delfim** como "uma descrição da temperatura sentimental, moral, social e psicológica do tempo português, em seu sentido histórico e até físico." Abafando a trama policial que existe por trás, o que ressalta no livro é "a singularidade de um país que vive em suspensão".

Sòmente na tomada de posição e na recusa ao demagogismo literário — contrapõe José Cardoso Pires. Creio que o que impressionou aos leitores desse livro foi o traço aparentemente elementar e a prevalência da sugestão em determinadas conotações da narrativa. De qualquer modo afastava-se da demagogia corrente na altura, que era involuntária em muitos casos e que recrutava os leitores através da retórica sentimental e do populismo. Hoje a demagogia é bem mais ridícula. Dirige-se ao provincianismo de uma cultura que se pretende à la page. Entre outras coisas recorre a um proto-ensaísmo que se exhibe em adaptações locais das temáticas parisienses.

"Retórica sentimental" e "populismo": terá sido alguma vez o escritor um "hóspede do realismo", como lhe chamaram a propósito de *O Hóspede de Job*? Interrogamos Cardoso Pires: "Já o têm aparentado aos neo-realistas. Que pensa dessa catalogação?"

Acho-a ociosa.

"UM LUGAR"

Como situar, pois, o romancista de *O Delfim*? Terá um lugar ao lado de, na literatura portuguesa contemporânea, ou apenas "um lugar", o seu? Ou é essencial um ficcionista? Se assim se considera, o que o levou às incursões pelo ensaio (*Cartilha do Marialva*) e ao teatro (*O Render dos Heróis*)?

A convicção de que eram as formas mais adequadas a exprimir o que queria dizer.

Repare, o fato de eu não voltar ao teatro não significa que eu o tivesse abordado por simples diletantismo. *O Render dos Heróis* resultou numa montagem excepcional, como suponho que é do seu conhecimento. E no entanto a experiência não me apaixonou porque não acredito no processo de se escrever teatro a distancia do palco. Por muitas razões é isso que se é impedido a fazer em Portugal, teatro para ter em casa. Será muito teatro para ler em casa. Será muito meritório, mas é penoso. Tem pouco ou nada a ver com as diligências de comunicação dos públicos contemporâneos.

Pensamos nos "exemplos reais" de "alguns provincianismos comuns". Pensamos no texto lúcido de Fernando Pessoa, que — no dizer de Cardoso Pires, "projetou o seu desejo de universalidade com idéias que permitiram explorações posteriores da parte dos pensadores menores que lhe sucederam". Pensamos na dissecação exaustiva que se faz na *Cartilha do Marialva* acerca dos clássicos, uns muito em moda — como são os casos de Camões, Garrett, Júlio Diniz, Eça de Queiroz e Fernando Pessoa — e outros cuja obra deve ser repensada, no tempo e no espaço: D. Francisco Manuel de Melo e Ribeiro Sanches, D. Luís da Cunha e o Cavaleiro de Oliveira, o abade Correia da Serra e Luís António Verney. Exatamente como propôs Cardoso Pires, na "Cartilha" (1ª edição em 1960, 2ª edição, refundida, em 1966), citando o Cavaleiro de Oliveira: "É preciso dar crédito e autoridade à Razão para que o Acaso se não constitua soberano". Mas, qual é a relação entre *O Render dos Heróis* e a "Cartilha" que também é chamada "das Negações Libertinas"?

"Meu proximo livro será uma falsa historia para crianças, um divertissement"

Com a *Cartilha do Marialva* o problema é diferente. Tenho-a revisto e aumentado de edição para edição, o que prova que não é um livro episódico para mim. De resto, tenciono reunir em volume alguns textos de exegese literária, notas de leitura, comentários de trabalho, enfim páginas à margem da ficção que publicarei como o título *O Cavaleiro no Aquário*. Esse tratado das tordesilhas que limita o novelista, impedindo-o de entrar nos meridianos do ensaio e o ensaísta de entrar na ficção, é bõragem. Conversa de académicos no fio. Quanto a mim, investigar (como disse Langevin) e criticar (como escreveu Oscar Wilde) também são formas de criação específicas. Ou então não passam de prosa escolar, repetitiva.

CAMINHOS

Para onde caminha José Pires? Depois do *Dinosaurius* e do *Cavaleiro*, quais os projetos do escritor — a curto e a longo prazo?

Terminar o romance em que tenho estado a trabalhar há dois anos. Tenciono publicá-lo no Outono de 72.

O que significa um livro para o autor: acaba no momento em que o editor o dá ao público? Ou revê e completa personagens e situações nas edições seguintes?

"O Teatro não me apaixonou porque não acredito em escrever à distancia"

Corrijo sempre as reedições, excepto no *Delfim* que só na quinta edição me foi possível introduzir emendas. Não tenho aqui o exemplar mas não sei se lembra, a certa altura disse-lhe que um livro cresce com o escritor, com a experiência e a depuração íntima de um escritor. E que por isso é sempre susceptível de ser melhorado. Mais ou menos isto, salvo erro.

Não se limita *O Delfim* a dar "recado" do escritor acerca do mundo que o cerca? "Numa dimensão jamais alcançada antes — escreveu Nelly Novaes Coelho —, aprofunda-se neste romance, o processo criador de José Cardoso Pires, em sua vigilância constante para transcender o significado li-

teral e raso do real-objetivo e dar-lhe uma conotação simbólica". Romance-mensagem? Depoimento? Uma condenação ou uma atitude?

Tudo isso e, principalmente, a descrição de um tempo abstrato, suspenso. O que pretendi foi dar uma temperatura, não a narrativa centralizada em acontecimentos processados dentro de uma lógica linear. Uma temperatura, volto a dizer, moral e psicológica do homem despojado de autoridade. Esse condicionamento conduz à mitomania como expressão limite do desejo de afirmação. Conduz ao delírio das representações de autoritarismo, não é assim? E, naturalmente, desencadeia transferências de toda a ordem. O machismo será uma delas, uma dessas afirmações alienadas com que se compensa o indivíduo desautorizado socialmente. Mas é apenas uma das muitas, porque há outras. De maneira nenhuma eu quis fazer d'êlo o tema central do romance, como pretendiam alguns críticos por associação com a teoria do marialvismo.

Na verdade, para alguns *O Delfim* foi, é um acontecimento na literatura portuguesa de hoje. Mas, qual literatura? Qual o sentido? Ou melhor, como definir agora essa literatura?

Como um conjunto extremamente variado de temas e de expressões e perfeitamente emancipado do naturalismo oitocentista português. Nos casos mais importantes, também está liberto das heranças escolares e das seduções atualizadas do francesismo.

CRISE

Uma literatura que se libertou. Importa ou não, mas igual a si mesma. E que nem por isso deixa de se situar numa perspectiva europeia e universal. Ou sem dimensão solitária e desinteressante?

Estamos a falar no caso particular da ficção... Da novelística em particular. Pois a mim parece-me que a crise da ficção dos países tradicionalmente mais produtivos e de maior mercado fez com que êles procurassem a literatura dos países menos favorecidos pelo prestígio. Foi, em grande parte, o que trouxe a primeiro plano, e muito justamente, os romancistas hispano-americanos. E é também o que agora se começa a verificar em relação a Portugal, embora timidamente.

A presença do escritor é significativa, *O Delfim* o termómetro. "Complexo como Camus, irónico como Gunther Grass, transcendental como Calvino, José Carlos Pires ultrapassa as dimensões físicas de Portugal para assumir sua posição legítima de grande escritor europeu deste final de século". O parecer é de Léo Gilson Ribeiro. Mas, a par do novelista de *O Anjo Anorado*, quantos dos seus pares têm o direito de audiência além-fronteiras?

Os que têm voz pessoal, logicamente — observa Cardoso Pires. Os que falam do seu país neste tempo e nesta hora e que o descreveram fora dos lugares-comuns da sociologia ou da História. Uma lista desses escritores é difícil. Muito mais ainda uma

lista judicativa. Mas Carlos de Oliveira e Almeida Faria são exemplos-limite de romancistas com interesse internacional. E Abelaira, e o Alves Redol do Barranco dos Cegos, o Aquilino da Casa Grande de Romarigães, Marmelo e Silva, Castro Soromenho...

O problema das relações... Castro Soromenho, sendo português, é, sobretudo, o ficcionista (ou um dos) de Angola. Aproximação que vários críticos detetaram em ficcionistas portuguesas, considerando-os influenciados pelos brasileiros contemporâneos, designadamente os do chamado ciclo nordestino. Concorda?

Em alguns autores, sim. E não em tantos como se diz. Manuel da Fonseca recebeu o salutar impacto de Graciliano, Jorge Amado tocou principalmente os contistas iniciados — Antunes da Silva, Garibaldi de Andrade, etc. Mas já não me parece que tenha influenciado Redol, que foi um escritor desigual e apaixonado. Em um lugar comum dizer-se que sim, eu sei. Mas, para mim, as influências que êle acusa vêm de Fialho de Almeida, principalmente. Do Fialho e do Garret das Viagens na Minha Terra, como está mais do que à vista em Olhos de Água.

OS NOSSOS

Da influência à receptividade da crítica e dos leitores: quais os autores brasileiros melhor conhecidos em Portugal?

No grande público, Erico Veríssimo e Jorge Amado. Nas áreas de maior permanência cultural, Odylo Costa Filho, Lygia Fagundes Telles, Otto Lara Resende, Clarisse Lispector. Que me lembre, são estes — e, claro, Guimarães Rosa; mas Guimarães Rosa está ainda confinado aos círculos universitários.

Outros mereceriam, é evidente, o interesse do público português, mas são desconhecidos, quase. Quais devem ser destacados?

“Pertença à
geração que se
seguiu ao
neo-realismo e
dele aprendeu”

Dalton Trevisan e Antônio Callado, em primeiro lugar. Quarup, que faz parte da lista de leituras da Universidade de Londres, é totalmente ignorado dos estudantes portugueses. Acrescento ainda O Coronel e o Lobisomem, essa maravilha.

Ninguém estudou, até hoje, as influências de Fernando Pessoa no Brasil. Não foram examinadas as ressonâncias de um Manuel Bandeira ou de um Carlos Drummond de Andrade na jovem poesia portuguesa. Pensamos nestes paralelos ainda não

pesquisados e pedimos a opinião de Cardoso Pires: parece-lhe visível na atualidade literária portuguesa qualquer influência de autores brasileiros?

Não... influências brasileiras não encontro. Evidentemente, quando há pouco falávamos da repercussão do ciclo nordestino em escritores dos anos 40-45, evidentemente que devia ter acentuado a existência de um conjunto de circunstâncias que facilitavam essa influência. Os nordestinos surgiram sob a bandeira social e os neo-realistas também, depois da derrota dos republicanos espanhóis e da marcha nazi sobre a Europa. Em ambos os movimentos houve engajamentos políticos declarados. Ao mesmo tempo, foi-se estabelecendo intercâmbio entre diversos grupos literários dos dois países. Entre os escritores da revista carioca *Esfera* e *O Diabo*, de Lisboa, por exemplo. Michael Gold que, êsse, sim, influenciou indelévelmente os jovens daquele tempo, entrava em Portugal pela via da tradução brasileira. A revista universitária *Sol Nascente* reproduzia e criticava a produção quase quotidiana de além-Atlântico. Em suma, existiam condições de empatia...

Isto não significa que não ocorram paralelismos independentes, totalmente independentes. Estou-me a lembrar de Aquilino e de Guimarães Rosa, das muitas e perturbadoras afinidades que lhes encontro. Não na política linguística nem das aventuras que Mary Daniel abordou tão notavelmente. Não. O que me está a ocorrer é a atitude destes escritores face à Natureza. Vejo, no fundo de qualquer deles, a mesma concepção medieval da unidade de criação. Há, num e noutra, um diálogo, ia a dizer franciscano, com o mundo elementar, repleto de ternura e de perdão. Mas isto daria um ensaio, e talvez valesse a pena. Levaria com certeza muito longe.

APROXIMAÇÃO

Uma interrogação irreprimível, mas que desejaríamos independente de quaisquer conotações políticas e, sobretudo, de relações intergovernamentais. Fala-se muito na Comunidade Luso-Brasileira: em que bases deveria funcionar a aproximação cultural entre os dois países?

“Hemingway e Crane ensinaram-me a repudiar o retórico dominante”

Nesta minha estada no Brasil — opina José Cardoso Pires —, fiquei com a idéia de que o português da metrópole é olhado como um sujeito formal e conservantista. Mais ou menos como um cidadão espartilhado em estilo de vossa excelência. Ora, essa imagem só se deve ao distanciamento e à ausência de contatos diretos e fora das vias burocráticas. Resolver a aproximação com instituições rotineiras, com a bela frase ou com tratados, enfim, duvido. Acredito muito mais nos resultados das iniciativas comerciais ou privadas. Em matéria de arte

e literatura eu penso que, seja em que país for, as promoções oficiais dificilmente evitam os oportunismos e deixam rastro duradouro.

Um escritor tem sempre inclinação por outro ou outros escritores. Quais são os preferidos de José Cardoso Pires entre os portugueses de ontem e de hoje? Entre os estrangeiros? Algum deles foi seu “Mestre” ou o influenciou?

Pertenço à geração que se seguiu ao neo-realismo e que recebeu dêle a lição da pluralidade de expressões^f. Foi realmente o movimento português que trouxe mais variedade de temas e de expressões. Mas nas minhas preferências o romancista exemplar era Carlos de Oliveira. Depois vieram os anos de rebelião, a abordagem ao surrealismo après la lettre opondo-se ao sentimentalismo de alguns romancistas em voga. Breton e Nadeau substituíam os heróicos e magistras oportunismos de Aragon, tão querido da geração anterior. Por mim, fui o primeiro a abandonar, como se sabe, o *Quartier Latin* das belles lettres do cadavre exquis. Stephen Crane e Hemingway tocaram-me profundamente. Ensinaram-me a repudiar o retórico dominante e articular o diálogo. Por outro lado, havia neles um behaviourism que limitava... Bom, lia também Faulkner, e muito. Traduzi Faulkner, o que me levou a perceber como conduzia facilmente a fáceis limitações. A todos êsses eratzten que fazem a poluição literária que “embeleza” até alguns escritores de talento. Que mais posso acrescentar? Que um romancista quando desponta é uma fonte de sentidos a procurar descobrir a sua voz e o seu temperamento? Sim, deve ser o que se passa. Daí, a sua peregrinação ansiosa mas vigiada à procura de estímulo e identificação neste e naquele mestre. E depois noutra, e noutra, até se encontrar.

Regresso a *O Delfim*: “Desta maneira, o Autor em visita despede-se”... Vinte e dois anos, antes, José Cardoso Pires começou uma aventura: foi no tempo de *Os Caminheiros* (1946). Prosseguiu-a com *Histórias de Amor* (1952), que vieram a ser postas “fora do mercado” e depois ressurgiram, em parte, nos *Jogos Azar* (1963); entre os dois livros, apareceram *O Anjo Ancorado* (1958), o *Render dos Heróis* (1960) e *Cartilha do Marialva* (1960) e, a seguir, vieram *O Hóspede de Job* (1964) e, em maio de 1968, a 1ª edição de *O Delfim*. A êsse desaparecido livro (que talvez não volte a surgir inteiro, pois o Autor o incluiu parcialmente nos *Jogos de Azar*) vou buscar a “ingênua pergunta” de José Carlos Pires, que é talvez “a chave” (se em literatura existem “chaves”) dos seus oito livros publicados: “Será verdadeiro, inteligente, reduzir a liberdade humana a um ponto, mesmo a um momento, tão falível e de validade tão restrita? Pergunto até se num mundo contradito nas forças que o movem — razão e instinto e instinto e razão — podem disso — ciar-se em tamanha escala?”

101